

O ABANDONO DO MITO DA MÃE- PRETA NAS OBRAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

THE ABANDONMENT OF THE MYTH OF THE BLACK MOTHER IN THE WORKS
OF CONCEIÇÃO EVARISTO

Michelly Cristina Lopes¹

RESUMO: A representação da mulher negra desde os primórdios da literatura brasileira vinha sendo feita através de diversos estereótipos. Utilizando a premissa “branca para casar, preta para trabalhar e mulata para fornicar”, diversos mitos foram difundidos dentro da tradição literária. Assim sendo, nesse trabalho é levantado o mito atribuído à mãe-preta que por séculos postulou a infertilidade da mulher negra não sendo apresentada como mãe de seus próprios filhos, e que, quando mãe, deveria renegar os seus para criar os filhos da Casa Grande. Essa ideia vem sendo contestada por meio da literatura afro-brasileira feminina, em que autoras negras, através da *escrevivência*, conceito cunhado por Conceição Evaristo, estão representando uma nova personagem mãe-negra. Dessa forma, acredita-se ser importante explorar obras que vão de encontro à histórica hegemonia eurocêntrica. Para isso, são propostas análises de duas obras produzidas por Conceição Evaristo, a primeira se trata do poema “Vozes-mulheres”, que foi o primeiro poema da autora publicado nos *Cadernos Negros*, e a segunda do conto “O sagrado pão dos filhos”, publicado no livro *História de leves enganos e parecenças*. Para embasar as discussões e análises além de Eduardo de Assis Duarte serão considerados autores que versam sobre a literatura afro-brasileira com os conceitos de Octávio Ianni, Luiza Lobo, e também da própria Conceição Evaristo. Além de Maria Lugones que versa sobre um feminismo descolonial, e Grada Kilomba, Djamila Ribeiro que tratam do lugar de fala do negro dentro da sociedade, dentre outros autores.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura afro-brasileira; Conceição Evaristo; Maternidade; *Escrevivência*.

ABSTRACT: The representation of black women since the beginning of Brazilian literature has been done through several stereotypes. Using the premise “white to marry, black to work and mulatto to fornicate”, several myths were spread within the literary tradition. Therefore, this work raises the myth attributed to the black mother who for centuries postulated the infertility of the black woman not being presented as the mother of her own children, and who, as a mother, should deny her own to raise the children of Big House. This idea has been challenged through Afro-Brazilian female literature, in which black authors, through the *escrevivência*, a

¹ Mestra em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo – Brasil. Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Espírito Santo – Brasil. Bolsista CAPES. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1365-5300>. E-mail: michellyalveslopes@gmail.com

concept coined by Conceição Evaristo, are representing a new black mother character. Thus, it is believed that it is important to explore works that go against the historical Eurocentric hegemony. For this purpose, analyzes of two works produced by Conceição Evaristo are proposed, the first being the poem “Vozes-Mulheres”, which was the author's first poem published in *Cadernos Negros*, and the second of the short story “The sacred bread of the children”, published in the book *History of slight mistakes and similarities*. To support the discussions and analyzes in addition to Eduardo de Assis Duarte, authors who deal with Afro-Brazilian literature will be considered with the concepts of Octávio Ianni, Luiza Lobo, and also Conceição Evaristo. In addition to Maria Lugones who talks about a decolonial feminism, and Grada Kilomba, Djamila Ribeiro who deal with the place of speech of the black within society, among other authors.

KEYWORDS: Afro-Brazilian literature; Conceição Evaristo; Maternity; Writing.

1 Introdução

A literatura brasileira, atualmente, é um espaço excludente em suas diversas vertentes. Principalmente quando pensamos em quais indivíduos têm verdadeiro acesso a ela, tanto como leitores quanto como escritores. O fato é que por muito tempo apenas a literatura produzida pelo homem branco heterossexual rico era reconhecida como Literatura. As obras produzidas por mulheres, negros e pobres eram deixadas de lado e consideradas como menores. E, conseqüentemente, apenas os problemas e indagações do homem branco foram levados em consideração.

De fato, a trajetória dos afrodescendentes, no Brasil e nos países em que ocorreu a escravização do povo negro, foi marcada, e ainda é, por silenciamentos e duras formas de segregação. A literatura passa a ser um âmbito “[...] de criação, de manutenção e de difusão de memória, de identidade. Torna-se um lugar de transgressão ao apresentar fatos e interpretações novas a uma história que antes só trazia a marca, o selo do colonizador” (EVARISTO, 2010, p. 133), principalmente quando se pensa que a estética de tais obras se desajusta com a que é idealizada pela elite dominante.

E é através da criação literária que louvores à Mãe África passam a ecoar por meio da voz dos indivíduos descendentes de africanos, em sinal de resistência: “O corpo negro vai ser alforriado pela palavra poética que procura

imprimir e dar outras re-lembranças às cicatrizes das marcas de chicotes ou às iniciais dos donos-colonos de um corpo escravo” (EVARISTO, 2010, p. 134).

Assim, por meio da potência criadora dessas obras, surge no país uma crescente discussão acerca do que viria a ser Literatura afro-brasileira e quem efetivamente poderia produzi-la. Para elucidar essas demandas buscamos em autores que tratam dessa problemática as possibilidades de respostas para tal questão.

2 A literatura afro-brasileira

No texto “Literatura e consciência”, publicado em 1988, Octávio Ianni trata da articulação da literatura negra e seus patronos. Nele afirma que a literatura negra não nasce de uma hora para outra, mas se transforma através e dentro da própria Literatura Brasileira, por intermédio de autores, obras e temas que aos poucos foram se voltando para o negro e sua vivência na sociedade tupiniquim (IANNI, 1988). Para ele:

Trata-se de um sistema aberto, em movimento, diferenciado, às vezes também contraditório, que se desenvolve e recria. Um poema, conto, romance ou peça de teatro pode abrir outro horizonte, inaugurar uma corrente, desvendar um estilo. Há obras ou autores que instituem toda uma “família”. Criam seus descendentes e inventam antecessores. Por isso é que por dentro da mesma literatura surgem correntes, escolas, tendências ou “famílias” literárias. São autores, obras, temas, soluções literárias que se articulam, influenciam, continuam; sem romper o sistema constituído pela literatura negra (IANNI, 1988, p. 92).

Deste modo, entendemos que essas criações literárias pertencem à Literatura brasileira e estão contidas dentro de uma corrente diferenciada que é a Literatura negra. Portanto, a proposta não é de se desvencilhar do sistema principal, mas de admitir que as particularidades se tornem relevantes e que precisam ser levadas em conta, inclusive como parte integrante de propostas e

demandas políticas contemporâneas, quer estejam dentro ou fora do campo literário.

Em 1989, foi publicado por Luiza Lobo o texto “A Pioneira Maranhense Maria Firmina dos Reis”, no qual afirma que a literatura negra nasce a partir do momento em que o negro deixa de ser tema e passa a ser ele o escritor. Para ela:

Um dos aspectos primordiais que [...] define a literatura negra, muito embora não seja um elemento norteador, em geral, dos estudos sobre o assunto, é o fato de a literatura negra do Brasil – ou afro-brasileira – ter surgido quando o negro passa de objeto a sujeito dessa literatura e cria a sua própria história; quando o negro visto geralmente de forma estereotipada, deixa de ser tema para autores brancos para criarem sua própria escritura no sentido de Derrida: a sua própria visão de mundo (LOBO, 1989, p. 91).

Assim sendo, podemos notar que existe um momento fundador dessa literatura. Nascendo no intervalo em que teremos o indivíduo negro passando de simples objeto a criador de suas próprias histórias, respeitando seus matizes e sua ancestralidade. Nesse viés, ele se reconhece como afrodescendente e ocupa o espaço da produção literária, utilizando-o para difundir sua “cultura”, através do resgate de memórias, da focalização em conhecimentos e narrativas que, por si só, subvertem o sistema literário tradicional, como nos ensinou Antonio Candido. E a autora enfatiza que “só pode ser considerada literatura negra, portanto, a escritura de africanos e seus descendentes que assumem ideologicamente a identidade de negros” (LOBO, 1989, p. 91).

Conceição Evaristo em seu texto “Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira”, publicado em 2010, entende que a cor da pele e as origens étnicas não serão os únicos caracterizadores da Literatura afro-brasileira. Para ela o principal será:

[...] a maneira como ele vai viver em si a condição e a aventura de ser um negro escritor. Não podemos deixar de considerar que a experiência negra numa sociedade definida, arrumada e orientada por valores brancos é pessoal e intransferível. E, se há um comprometimento entre o fazer literário do escritor e essa experiência pessoal, singular, única, se ele se faz enunciar

enunciando essa vivência negra, marcando ideologicamente o seu espaço, a sua presença, a sua escolha por uma fala afirmativa, de um discurso outro – diferente e diferenciador do discurso institucionalizado sobre o negro – podemos ler em sua criação referências de uma literatura negra (EVARISTO, 2010, p. 137).

A partir dessa ideia, de que o indivíduo negro trará suas experiências e suas vivências para dentro do campo literário, Evaristo cria o termo *escrevivência*, que terá como base as particularidades do sujeito negro. Dessa forma, quando o negro escreve, quando inventa, quando cria a sua ficção, não poderá se desprender de um histórico corpo-negro em vivência. E tal corpo, acúmulo de experiências (muitas delas traumáticas), e não outro, viveu e vive experiências que um corpo não negro jamais irá experimentar (EVARISTO, 2009b).

No entanto, dentre estudiosos e escritores existe um grupo que admite a existência da Literatura afro-brasileira e outro que defende que “a arte é universal” e “não considera que a experiência das pessoas negras ou afrodescendentes possa instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas” (EVARISTO, 2009, p. 17). Conceição Evaristo, no texto “Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, publicado em 2009, discute essa problemática. Para ela:

Se, por um lado, tanto as elites letradas como o povo, dono de outras sabedorias, não revelem dificuldade alguma em reconhecer, e mesmo em distinguir, os referenciais negros em vários produtos culturais brasileiros, quando se trata do campo literário, cria-se um impasse que vai da dúvida à negação. Ninguém nega que o samba tem um forte componente negro, tanto na parte melodiosa como na dança, para se prender a um único exemplo. Qual seria, pois, o problema em reconhecer uma literatura, uma escrita afro-brasileira? (EVARISTO, 2009a, p. 19)

A negação acontece, principalmente pelo modo como as relações entre brancos e negros foi instituída no país, o próprio exemplo do samba, e o histórico de repressão associado a tal manifestação artística provinda dos

negros urbanos do Brasil desde as primeiras décadas do século XX, principalmente Rio de Janeiro e Bahia, comprova as práticas de exclusão². A imagem da identidade foi sendo forjada e institucionalizada por diversas frentes como os ditados populares, as canções, as relações sociais para que se tornassem pessoas que estão a serviço de, ou ainda, pessoas para serem inferiorizadas. Não é por acaso que existe essa rejeição à intelectualidade do sujeito negro, essa representação foi cuidadosamente construída para negar os conhecimentos, a sabedoria e até mesmo a identidade do afro-brasileiro.

3 A potência da escrita de Conceição Evaristo

Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela (EVARISTO, 2006, p. 21).

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 1946, natural de Belo Horizonte. Provém de uma família humilde formada pela matrifocalidade³. Tendo tido nove filhos, a matriarca Dona Joana, trabalhava como lavadeira para as famílias abastadas de Belo Horizonte. E Mesmo com uma dura jornada de trabalho encontrava tempo para contar histórias aos filhos e escrever outras em seu caderno aos quais Evaristo guarda até hoje. A autora cursou a educação básica em escolas públicas e se formou no antigo Curso Normal aos vinte e cinco anos. E pela sua classe social foi extremamente desencorajada de persistir com seus estudos. Segundo ela,

Enquanto trabalhava como doméstica e após concluir o Curso Normal, eu sonhava em dar aula em Belo Horizonte. Mas aí entra uma

² A respeito de tal tema, conferir em VIOLÊNCIA POLICIAL, RACISMO E RESISTÊNCIA: NOTAS A PARTIR DA MPB, de Jorge Nascimento.

³ Conceito amplamente utilizado na antropologia, a matrifocalidade explica a organização social das famílias negras das Américas, ainda comum na contemporaneidade. “[...] Em tal modelo de família, a mãe é a figura mais estável e as outras pessoas do grupo familiar gravitam ao seu redor; a maioria dos contatos dos membros da família é realizada com parentes matrilaterais e as mulheres têm o poder de decidir sobre as crianças e a casa” (VASCONCELOS, 2014, p. 85).

questão seríssima. Em 1971, não havia concurso para o magistério e, para ser contratada como professora, era necessário apadrinhamento. E as famílias tradicionais para quem nós trabalhávamos não me indicariam e nunca indicaram; não imaginavam e não queriam para mim um outro lugar a não ser aquele que “naturalmente” haviam me reservado. Houve mesmo uma patroa de minha tia, numa casa em que eu ainda menina e já mocinha ia fazer limpeza, lavar fraldas de bebês, ajudar nas festas, entregar roupas limpas e buscar as sujas, que fez a seguinte observação: “Maria, não sei por que você esforça tanto para a Preta estudar! (EVARISTO, *Apud* DUARTE, 2006, p. 305).

Dessa forma, por não ter como progredir em Belo Horizonte, muda-se para o Rio de Janeiro e presta concurso para o magistério. Gradua-se em Letras pela UFRJ, presta mestrado em literatura brasileira pela PUC-RJ e conclui o doutorado em literatura comparada pela UFF. Em 1980 conhece o movimento Quilombhoje e torna-se militante e passa a participar ativamente dos movimentos pela valorização da cultura negra no Brasil atuando dentro e fora da Academia.

Sua produção literária é composta por poesia e prosa, publicadas desde 1990, majoritariamente, nos *Cadernos Negros*. Conceição Evaristo é considerada hoje uma importante escritora da literatura afro-brasileira.

Em 2003 publicou seu primeiro romance, intitulado de *Ponciá Vicêncio*, pela editora Maza, sendo posteriormente lançado nos Estados Unidos e na França. *Becos da Memória*, seu segundo romance, foi publicado em 2006. *Poemas da recordação e outros movimentos*, em 2008. *Insubmissas Lagrimas de mulheres*, em 2011. Em 2014 publicou o livro *Olhos D’Água*. E *Histórias de Leves enganos e parecenças* em 2016.

Conforme nos mostra Constância Duarte:

Os contos de Conceição Evaristo parecem trazer a expressão de um novo paradigma. Escrita de dentro (e fora) do espaço marginalizado, a obra é contaminada da angústia coletiva, testemunha a banalização do mal, da morte, a opressão de classe, gênero e etnia, e é porta-voz da esperança de novos tempos (2010, p. 233).

Suas obras trazem personagens negras marginalizadas pela sua cor, condição social e também pelo fato de serem mulheres. Assim como suas antecessoras, Maria Firmina dos Reis no século XIX e Carolina Maria de Jesus no século XX, com seus escritos, Evaristo constrói uma nova imagem da mulher negra na literatura nacional subvertendo o lugar que foi reservado para elas.

3.1. O mito da mãe-preta e a obra de Conceição Evaristo

A representação da mulher negra dentro da literatura brasileira desde seu início, como pode ser verificado em Gregório de Matos até os dias de hoje, é constituída, em grande parte, por composições estereotipadas, inclusive por representar o imaginário de visões provindas “de fora”, ou seja, do sujeito masculino branco das classes mais altas. Principalmente quando pensamos que, como assinala Eduardo de Assis Duarte, o ditado popular “Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar” era o que regia também as criações literárias e o que, conseqüentemente, representavam o preconceito racial no país.

Para ele,

[...] a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores. Expressa na condição de dito popular, a sentença ganha foros de veredicto e se recobre daquela autoridade vinculada a um saber que parece provir diretamente da natureza das coisas e do mundo, nunca de uma ordenação social e cultural traduzida em discurso (DUARTE, 2009, p. 63-4).

María Lugones, em “Rumo a um feminismo descolonial”, afirma que através da colonização teremos:

[...] uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano [sendo] imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental. Ela veio acompanhada por outras distinções

hierárquicas dicotômicas, incluindo aquela entre homens e mulheres. Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. Só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens (LUGONES, 2014, p. 936).

Verificaremos essa informação em diversas obras, principalmente nas que são consideradas importantes dentro da literatura brasileira, como por exemplo, *Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, que para permitir que uma escravizada seja a personagem central da trama a trará com feições brancas, negando todas as suas características africanas: “A tez é como marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada” (GUIMARÃES, 1963, p. 14). *N’O cortiço*, de Aluísio Azevedo, vemos a personagem Bertoleza sendo sempre diminuída e animalizada: “Na sua obscura condição de animal de trabalho, já não era amor o que a mísera desejava, era somente confiança no amparo da sua velhice quando de todo lhe faltassem as forças para ganhar a vida” (AZEVEDO, 2015, p. 222). Da mesma forma, Tia Nastácia, no *Sítio do Pica-pau Amarelo*, de Monteiro Lobato, era constantemente lembrada em sua condição de escrava subalterna:

– Cale a boca! – berrou Emília. – Você só entende de cebolas e alhos e vinagres e toicinhos. Está claro que não poderia nunca ter visto fada porque elas não aparecem para gente preta. Eu, se fosse Peter Pan, enganava Wendy dizendo que uma fada morre sempre que vê uma negra beçuda... – Mais respeito com os velhos, Emília! – advertiu Dona Benta. – Não quero que trate Nastácia desse modo. Todos aqui sabem que ela é preta só por fora (LOBATO, 2012, p. 22).

Conseqüentemente, o imaginário popular foi sendo forjado em consonância com a própria formação social da nação brasileira, excludente, patrimonialista, utopicamente eurocêntrica. E, posteriormente, com as políticas higienistas que ganhariam força no início do século XX (Lopes; Martinelli Filho, 2018), que excluam da urbanidade modernizante as hordas de

negros e mestiços sobressalentes do sistema escravocrata formador. Já a personagem mulher-mãe-negra, por estar fora da premissa apresentada por Duarte, raramente foi representada, em sua complexidade, numa literatura produzida por homens, tendo em vista que “a literatura masculina construiu a mulata como exemplo da subjugação da mulher afrodescendente transformada em “prato nacional”, temperado pelas mais diversas especiarias, reforçando o mito perverso da democracia racial” (VASCONCELOS, 2014, p. 102).

Dessa forma, à mulher negra foi negada a maternidade para que esse mito pudesse se perpetuar no inconsciente social. Às mulatas foi designado o papel de mulheres sedentas de desejo e incapazes de conceber filhos, como pode ser notado em uma Rita Baiana, de Aluísio Azevedo ou em uma Gabriela Cravo e Canela de Jorge Amado, já as mulheres negras foram incumbidas do trabalho pesado como animais de carga, como é o caso de Bertoleza e Tia Nastácia, já citadas. A única forma de a mulher negra ser representada como mãe, por esses autores, foi como a Bá, a mãe de leite, que renega toda sua vida, toda sua prole, para cuidar com empenho dos filhos da casa grande.

Quando a representação da maternidade é feita por homens, dentro do que poderíamos chamar de “literatura tradicional brasileira”, notamos que existe uma deficiência na verossimilhança, pois se verifica “o silenciamento, a solidão e a vida entregue apenas aos cuidados dos filhos, representam [...] um padrão que vai se repetir em muitas obras canônicas da literatura brasileira” (VASCONCELOS, 2014, p. 102). A ausência de conflitos, tanto como mãe quanto como ser social à mulher será recorrente. É importante salientar também que, na maioria das vezes, as mães apresentadas na literatura serão brancas.

Porém, na literatura afro-brasileira produzida por mulheres isso deixa de ser a única verdade, novas histórias serão contadas através de novos pontos de vista. Conceição Evaristo negará a suas personagens a costumeira fragilidade e apagamento que foram reservados às mães-negras. Basta verificar sua

primeira publicação nos *Cadernos Negros* intitulada “vozes-mulheres”, que em 2008 foi republicada em *Poemas da recordação e outros movimentos*, obra que Eduardo Assis Duarte entende que até hoje figura “como espécie de manifesto-síntese de sua poética”.

A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 O eco da vida-liberdade.
 (2008, p. 10-11).

Ao remontar uma árvore genealógica de mulheres mães-negras, Evaristo, subverte a contínua representação da mulher negra estéril, ou que abandona seus filhos para cuidar dos filhos da casa grande. Remonta, assim, à matrifocalidade e sua força formadora, que o patriarcado insistentemente procurou negar. Permite, nessa revisão temporal, que tanto a bisavó que foi levada de sua terra por um navio negreiro quanto a filha do eu poético tenham voz e corporeidade, mostrando que algo sempre foi dito e feito por essas mulheres que não desistiram de lutar contra os piores algozes. Ou seja, nesse ecoar de vozes, transatlânticas ou afro-brasileiras, indicia-se a possibilidade de revisão do silenciamento a que foram submetidas, através de violências várias. E, principalmente, deixa claro que essas vozes ecoaram ontem, ecoam hoje e continuarão ecoando. Assim como as vozes literárias afro-brasileiras, historicamente silenciadas, possam existir e participar do sistema literário nacional.

No texto “*The Mask*”, publicado em 2010, Grada Kilomba trata do instrumento de tortura utilizado pelos colonizadores: a máscara. Segundo ela, esse objeto era formado por um “pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito Negro, instalado entre a língua e a mandíbula e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa” (KILOMBA, 2010, p. 171). A justificativa dada pelos senhores de engenho de cana-de-açúcar e os senhores do cacau seria de que o instrumento

protegeria o produto de possíveis roubos por parte dos escravizados enquanto trabalhavam. Porém, “sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar tanto de mudez quanto de tortura”. Por isso, esse instrumento estaria ali com a função de representar “o colonialismo como um todo”. A máscara em si “simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento dos(as) chamados(as) ‘Outros(as)’: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar?” (KILOMBA, 2010, p. 171). Ou seja, as formas de silenciamento, físico, social, simbólico, são formulações arquetípicas da formação social brasileira, e, conseqüentemente, na literatura, tal processo também é perceptível e ideologicamente foi bastante eficaz.

Portanto, entendemos que a incapacidade do reconhecimento de uma literatura negra, e até mesmo da mulher negra como sujeito no cânone literário, é abertamente uma demonstração da visão classista e racial da sociedade brasileira. Para Kilomba:

Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nesta dialética, aqueles(as) que são ouvidos(as) são também aqueles(as) que “pertencem”. E aqueles(as) que não são ouvidos(as), tornam-se aqueles(as) que “não pertencem”. A máscara re-cria este projeto de silenciamento, ela controla a possibilidade de que colonizados(as) possam um dia ser ouvidos(as) e, conseqüentemente, possam pertencer (KILOMBA, 2010, p. 178).

Ao tratar do lugar de fala na sociedade e do feminismo negro, Djamila Ribeiro, em seu texto “O que é lugar de fala?”, publicado em 2017, aponta que existe um apagamento do indivíduo negro quando se trata das produções intelectuais. E nos provoca a refletir questionando,

[...] quantas autoras e autores negros o leitor e a leitora, [...] tiveram acesso [...]? Quantas professoras ou professores negros tiveram? Quantos jornalistas negros, de ambos os sexos, existem nas principais redações do país ou até mesmo nas mídias ditas alternativas? (RIBEIRO, 2017, p. 63-4).

Para Grada Kilomba, existe um “medo *branco* de ouvir” o que viria a ser descortinado pela voz do indivíduo afrodescendente, como já foi dito: o silenciamento, o apagamento, a diluição e dispersão das histórias e narrativas das populações afrodescendentes, é uma forma perversa de manutenção de um ideário de nação que exclui física e/ou simbolicamente, a expressão dessas populações a partir de suas próprias experiências e histórias. Para ela:

Este é aquele processo pelo qual as ideias desagradáveis – e verdades desagradáveis – tornam-se inconscientes, vão para fora da consciência devido à extrema ansiedade, culpa ou vergonha que causam. Contudo, enquanto enterradas no inconsciente como segredos, elas permanecem latentes e capazes de ser reveladas a qualquer momento. A máscara vedando a boca do sujeito Negro impede-o(a) de revelar as verdades das quais o mestre *branco* quer “se desviar”, “manter à distância” nas margens, invisíveis e “quietas”. Por assim dizer, este método protege o sujeito *branco* de reconhecer o conhecimento do ‘Outro’. Uma vez confrontado com verdades desconfortáveis desta *história muito suja*, o sujeito *branco* comumente argumenta: “não saber...”, “não entender...”, “não se lembrar...”, “não acreditar...” ou “não estar convencido por...”. Estas são expressões desse processo de repressão, no qual o sujeito resiste tornando consciente a informação inconsciente, ou seja, alguém quer fazer o conhecido, desconhecido (KILOMBA, 2010, p. 177).

Dessa maneira, a literatura feita por negros e para negros mostra um discurso em que traz sua autorrepresentação em que vai de encontro aos ideais dos colonizadores e para isso “[...] vale-se da paródia como maneira de inverter, de subverter um discurso que, muitas vezes, ainda consagra o negro como *res*, coisa “ex-ótica” e que não cabe no campo de visão de um olhar viciado, limitado [...]” em que não distingue o real valor dessa representação. “O discurso paródico da literatura negra, por meio de um enfrentamento ideológico, desenha novos caminhos, novos contornos para a alteridade negra, redefinindo o lugar da diferença” (EVARISTO, 2010, p. 138).

E como vemos no poema “vozes-mulheres”, é o enfrentamento da mulher negra que trará a quebra dos paradigmas em que por um longo tempo, apoiada neles, foi sendo formulada a literatura nacional. A mulher negra que no passado foi arrancada de sua terra para ser escravizada, apagada e silenciada, hoje

recolhe todo o sofrimento que traz de sua ancestralidade para significar a sua existência e de todas as gerações passadas.

No conto “O sagrado pão dos filhos”, Evaristo, além de trazer a mulher mãe-negra, mostrará que existe poder conferido a ela por meio de sua fertilidade. É importante pensarmos que essa ideia é negada desde o início dos séculos. Como atestaremos na tese de doutorado *No colo das Iabás: Raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas*, apresentada em 2014, ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília por Vania Maria Ferreira Vasconcelos, que apresenta uma importante discussão sobre o papel da mulher afrodescendente na sociedade e como é retratada na literatura brasileira, principalmente quando se trata de assumir o papel de mãe nas narrativas.

Nela, ao introduzir a maternidade, em uma leitura de Beauvoir, mostra que em diversas culturas a mitificação da mulher-mãe esteve presente e se manifestou de forma negativa desde as sociedades primitivas sendo cultivada até os tempos modernos, e que, com isso, condicionou um padrão comportamental. Esses mitos que giram exclusivamente em torno da mulher projetaram “expectativas e temores transcendentais e se relacionam, frequentemente, a situações com as quais se pode associar algum poder demiurgo, como a concepção, a fartura da natureza, entre outras” (p. 67).

Um dos primeiros indícios dessas afirmações é o mito de Eva, que para o cristianismo é a mãe da humanidade. Através do pecado original a mulher estabelece um elo com o mal e é punida com as dores do parto. Dentro da mesma crença cristã nasce o mito da mãe sagrada e pura que sacrifica sua vida abandonando os desejos da carne para expurgar os pecados. Para Simone de Beauvoir,

No coração da Idade Média, ergue-se a imagem mais acabada da mulher propícia aos homens: a figura da Virgem Maria cerca-se de glória. É a imagem invertida de Eva, a pecadora; esmaga a serpente

sob o pé; é a mediadora da salvação como Eva foi da danação. [...] Se se recusa a Maria o caráter de esposa é para lhe exaltar mais puramente a Mulher-Mãe. Mas é somente aceitando o papel subordinado que lhe é designado que será glorificada. 'Eu sou a serva do Senhor'. Pela primeira vez na história da humanidade, a mãe ajoelha-se diante do filho; reconhece livremente sua inferioridade (BEAUVOIR, 1980, p 215-216 *Apud* VASCONCELOS, 2014, p. 70).

Portanto, na modernidade todas as mitificações foram cristalizadas formando distorções construindo a imagem do feminino como o sexo frágil. Mesmo que em diversas culturas encontremos o enaltecimento da maternidade, este virá acompanhado “da ideia de fragilidade, física e emocional, além de nenhuma capacidade intelectual” (VASCONCELOS, 2014, p. 67).

Entretanto, ao se tratar da mãe negra, quando escrava, o exercício da maternidade era diferenciado. Pois, dentro do sistema escravagista teremos a mulher afrodescendente utilizada como objeto de trabalho e de reprodução de outras peças similares a ela. Sendo impostas torturas, estupros e a negação da humanidade, configurando “[...] a concretização do cruzamento da violência sexista com o racismo” (p. 83). Por isso, além de carregar todos os problemas já enfrentados pelas mulheres brancas ainda carrega o estigma de colonizada, sendo bestializada sob o olhar dos colonizadores.

Vasconcelos utiliza o estudo feito por Gizêlda Nascimento (2008), que irá apontar a anulação da mulher negra nessa sociedade e trará as representações a que foi submetida. Para Nascimento

Três avatares, três reificações. Corpos anônimos em intermináveis transformações, sempre pejorativas, manipulados ontem e hoje, quando alcançamos o terceiro milênio. Corpos indesejáveis, porém utilizáveis. Num primeiro momento, a cavidade agradável para o cio do senhor. [...] Num segundo momento, a mulher negra sofre um segundo avatar, é a matriz reprodutora de crias para a servidão. [...] Por fim, a mulher negra travestida na imagem tão alienante quanto folclórica de mulata sensual (para deleite de olhares turísticos). [...] O corpo da mulher negra ao largo de si mesmo (2008, p 51-2 *Apud* VASCONCELOS, 2014, p. 83).

Negando todos os estereótipos, Evaristo traz Andina Magnólia dos Santos, filha de descendentes de africanos escravizados em terras brasileiras, que enfrenta uma vida aos moldes da escravidão mesmo tendo nascido em 1911, ou seja, 23 anos após a abolição da escravatura. É criada dentro da casa da afortunada família Pedragal, que, segundo as palavras da narradora, “é a família mais rica da cidade de Imbiracitê [...]. Riquezas construídas ainda nos tempos das Sesmarias; são proprietários, até hoje, de terras e mais terras, [...]” (EVARISTO, 2016, p. 37) e de toda sorte de investimentos gerando para as próximas gerações inúmeras riquezas. É criada juntamente com as filhas da casa grande, “desde pequena sendo a menina-brinquedo, o saco-de-pancadas, a pequena babá, a culpada de todas as artes das filhas de Senhora Correa” (EVARISTO, 2016, p. 38).

Para evitar que a Pretinha da casa, era como era chamada pela família Pedragal, enveredasse para outras religiões de matrizes africanas, a Senhora Correa cuidou para que Andina fosse batizada e catequizada. Dessa forma, “Andina cuidava das meninas enquanto as levava para a igreja e também aprendia as virtudes cristãs, para não corromper as Pedragalzinhas” (EVARISTO, 2016, p. 38). O medo da família é que ela ao invés de cultuar o Deus cristão passasse a ter o tal de Zâmbi como Senhor, já que sabiam que seus pais o cultuavam. É notado que existe a preocupação de que se tornasse praticante dos ensinamentos de Cristo não por “misericórdia” de sua alma, por uma possível compaixão cristã, mas com intuito de que ela não corrompesse as senhorinhas da casa com outras ideologias.

Ora, ao que se nota no decorrer do conto, apesar de procurar se encaixar nas doutrinas cristãs, a família Pedragal não praticava os principais ensinamentos de Cristo, que traz como maior mandamento: “Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros” (Jo 13,34). Isso pode ser notado no momento em que Andina passa necessidade em sua casa com os seus filhos.

Apesar do trabalho dela e do marido, muitas vezes faltava alimento para os filhos, enquanto na casa da patroa a fartura desperdiçava muito do que ela preparava no dia a dia. Andina Magnólia tinha aprendido a fazer um pão caseiro, que se tornou conhecido como “a delícia das delícias”. Toda a família da casa-grande vinha buscar o pão feito por Andina. Os filhos de Andina nunca tinham saboreado a delícia preparada pela mãe, tal a dificuldade para comprar os ingredientes para a feitura do pão em casa (EVARISTO, 2016, p. 38).

Dessa forma, como alternativa para saciar a fome de seus filhos, pede a sua patroa que deixe levar um pão para casa e recebe não como resposta. Existiria algum sentimento de uma pessoa se considerar cristã e na oportunidade de demonstrar o amor exigido por Jesus, dentro do evangelho, negar-se prontamente a ajudar uma pessoa necessitada?

Claro que é válido refletir que naquele momento a sociedade foi condicionada e doutrinada a pensar que o negro fazia parte de uma raça inferior tendo o carma de servir aos brancos. Sabendo que além das correntes científicas, das doutrinas existentes, como é o caso da eugenia, existe, na base do preconceito racial, o mito de Cam, que pretendia justificar a escravidão do povo negro retirado do continente africano defendendo que os negros africanos eram descendentes diretos de Cam e, por isso, deveriam ser punidos exemplarmente com o cativo. Portanto, dentro da própria doutrina cristã teria a tentativa de justificar o injustificável.

De fato, em *Gênesis*, livro que compõe a *Bíblia*, encontra-se a história de Noé e de seus três filhos Sem, Cam e Jafé. Noé, em uma determinada noite, embriaga-se e um de seus filhos, Cam, vê o pai nu e zomba dele. Os irmãos, ao contrário de Cam, preocupam-se com a honra do pai e, sem o ver, tampam-no com um pano. No dia seguinte, ao acordar e ficar sabendo do ocorrido, Noé amaldiçoa Cam e seus descendentes a serem negros, essas foram traduções mais antigas feitas na América Latina em que se utiliza como sinônimo de escravos a palavra negro. Essa seria uma entre as várias “explicações” em que a

Igreja e a sociedade escravocrata em geral se apoiaram durante vários séculos para manter o povo negro africano escravizado.

No livro *Fidel e a religião: conversas com Frei Beto*, o frei, ao ser questionado por Fidel Castro sobre se essa maldição realmente estava na Bíblia, explica que,

De fato, a maldição de Noé sobre Canaã foi para que ele se tornasse o último dos escravos. E como na América Latina os escravos eram negros, algumas traduções antigas colocam negro como sinônimo de escravo. Além disso, os descendentes de Canaã seriam os povos do Egito, da Etiópia e da Arábia, que têm a pele mais escura. Mas no texto bíblico essa descendência não figura como parte da maldição, a não ser que se faça uma interpretação tendenciosa como a que procura justificar religiosamente o *apartheid* (BETO, 1985, p. 152).

Há uma clara confusão da escravidão da Antiguidade com a escravidão moderna. Naquela, a escravidão era, em sua maioria, feita por dívidas ou resultados de guerras; enquanto nesta, a escravidão começou a ser realizada a partir da etnia. Sem dúvidas, a tradução na América da maldição de Noé é uma tradução tendenciosa com claros objetivos racistas. Há, na verdade, várias justificativas institucionalizadas, ou melhor, há várias intenções eugenistas e racistas para justificar a escravidão do povo negro.

No conto, após negar veementemente o pão às crianças famintas, Isabel Correa Pedragal, passou a permitir que Andina comesse apenas um “pedacito” da “delícia das delícias”, e isso tudo deveria acontecer em sua presença para evitar que ela levasse o pão para casa. “Andina aparentemente obedecia, mas à medida que comia, deixava alguns pedaços, farelitos, cair no peito, entre os seios por debaixo da blusa. E todos os dias a mãe levava o pão sagrado para os filhos” (p. 39). E da mesma forma, como consta em Mateus 15:32-39 e em Marcos 8:1-9, em que o segundo milagre atribuído a Jesus foi a multiplicação dos pães e dos peixes para os famintos que o seguiam, brotava “dela, do corpo dela, o pão sagrado para os filhos”, misturados ao leite de seus seios, “ínfimos

pedacinhos saíam engrandecidos e fartos do entresseio de Andina Magnólia” (p. 39).

Interessante que esse conto nos faz pensar que, ao citar o livro *A mulher no terceiro milênio* (1992), de Rose Marie Muraro, Vasconcelos nos traz dados que afirmam que diversas deusas eram cultuadas em diferentes culturas e que foram sendo trocadas por deuses e colocadas como rivais até passarem a representar o mal. Dessa maneira, “demonstra como, desde a idade do bronze até a idade clássica havia a predominância do culto à mãe terra e somente dois mil anos antes de Cristo, formulou-se a narrativa do deus masculino como criador de tudo” (p. 68). Portanto, por meio da transformação do discurso e da repressão, o que era considerado a benção do poder da concepção vira a maldição feminina.

E será essa maldição que Evaristo desconstrói e busca em sua personagem mãe o poder transformador e fértil da mãe terra, que com seus próprios nutrientes pode formar e transformar as matérias. Como a água brota da terra para saciar seus filhos, de Andina brotará o leite. Sua filha menor já tinha três anos, porém, apesar do leite ter secado por não ter conseguido conciliar o serviço e a amamentação, no momento de necessidade “o benfazejo líquido materno jorrou novamente. E, enquanto foi preciso, junto à sua família, a multiplicação do pão sagrado para os filhos” (p. 39).

Importante salientar que as mulheres negras escravizadas foram transformadas em amas-de-leite, tornando-se as mães afetivas dos rebentos da Casa Grande, como Vasconcelos aponta, através de uma leitura de Suely Costa (2002), que será nomeada como a “maternidade transferida”. Da mesma forma que ocorreu na França em que as crianças eram mandadas para a casa das amas, no Brasil essas mulheres eram as escravas que precisavam se desprender de seus filhos para assumir a criação de seus futuros proprietários. A autora

mostra que tanto em Freyre (2006) quanto em diversos outros autores havia a romantização da relação entre senhor e a “mãe preta”. Para Vasconcelos,

Nossa literatura nos apresenta, por meio de personagens e depoimentos de escritores que foram crianças nas últimas décadas do século XIX, a imagem das amas, chamadas mães pretas; mulheres que cuidaram de filhos que não eram seus, povoando a imaginação dessas crianças com as histórias por elas contadas, contribuindo para a formação afetiva e a imaginação de várias gerações de brasileiros. Elas aparecem nestas memórias não só cuidando dos afazeres relativos à alimentação e higiene dos filhos substitutos, mas também lhes enriquecendo o imaginário e participando ativamente das primeiras descobertas (VASCONCELOS, 2014, p. 83).

Segundo a autora a substituição das amas pretas só se deu após emergir o discurso eugenista em que médicos acreditavam que o contato direto com os negros traria contaminações morais e transmissões de doenças. No entanto, a mudança aconteceu vagarosamente. E será nesse momento histórico que surgirá a frase “mãe só tem uma”, levando com o tempo, através de diversas campanhas, as mães de sangue a amamentar seus filhos e transferir apenas outras obrigações as amas, que agora não seriam necessariamente negras, mas, preferencialmente, brancas e conhecidas das famílias.

Indo na contramão da história Evaristo permite que sua personagem tenha os seus próprios filhos, os amamente e quando necessário, para matar a fome dos seus, o leite volta para alimentá-los. E contrariando os pensamentos da Senhora Correa, que teria se esmerado na imposição dos dogmas católicos para Andina, será a presença de Zâmbi que lhe permitirá fazer em si a multiplicação do pão para seus filhos. Importante notar também que aqui é do corpo da mulher que provém os ingredientes necessários para que esse milagre aconteça e, ao contrário da cultura cristã que trará o vinho como o sangue de um homem que salvará a todos, aqui teremos o leite materno como símbolo máximo da vida. Retomando, desse modo, a premissa da mulher como criadora e não apenas como criatura.

4 Considerações Finais

Conceição Evaristo em seu ensaio “Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira”, dirá que existe uma

[...] ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comiseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus (EVARISTO, 2009a, p. 53).

Por isso, foi de extrema importância o surgimento da literatura afro-brasileira, que permite, através da *escrevivência* de seus pares, o abandono dos mitos difundidos pelo cânone literário. Levando em consideração, que a literatura desempenha importante papel na formação da sociedade.

Nas obras apresentadas verificamos uma negação à máscara, apresentada por Kilomba, que impossibilitou por muito tempo a mulher negra ter voz tanto na sociedade quanto na literatura brasileira. E através da representação de uma mulher negra fértil e que cuida de sua prole, teremos o abandono do mito da mãe-preta que tanto se disseminou ao decorrer dos séculos por meio das obras dos homens brancos. Dessa maneira, o poema perverte a decorrente representação de submissão e infertilidade evocando a voz da mulher negra silenciada e no conto, Conceição Evaristo, assim como sua antecessora, Carolina Maria de Jesus, irá poetizar a falta do alimento trazendo toda uma ancestralidade para dentro de sua obra.

Desse modo, entendemos que há obras ou autores que instituem toda uma família. E a partir da discussão apresentada, em conjunto com a força do poema e do conto que foram expostos, afirmamos que desde Maria Firmina dos Reis uma imensa família de mulheres vem sendo formada desmitificando conceitos, amplamente difundidos, e ecoando vozes que a sociedade por muito tempo tentou calar e que, na grande maioria das vezes, conseguiu.

E através da literatura afro-brasileira, Conceição Evaristo, juntamente com outras mulheres, com suas obras, lutas e militância estão construindo uma nova cultura que aos poucos vêm transformando o imaginário popular através do abandono dos mitos impostos por gerações. Formando assim toda uma geração de mulheres que estão se tornando bisnetas de Firmina, netas de Carolina e filhas de Conceição.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Porto Alegre: L&PM, 2015.

BETTO, Frei. *Fidel e a religião*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BÍBLIA. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110 p. Velho Testamento e Novo Testamento.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

DUARTE, Constância Lima. *Gênero e violência na literatura afro-brasileira. LiteAfro*. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricos-conceituais/ArtigoConstancia1generoeviolencia.pdf>> Acesso em: 03 de jun. de 2019.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade*. Revista SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 63-78, 2º sem. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17A/TRvol17Aa.pdf> Acesso em: 02 de jun. de 2019

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. *Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira*. 2009a

EVARISTO, Conceição. Questão de pele para além da pele. In: RUFFATO, Luiz (org.). *Questão de Pele*. 2009b

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos - Estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010, p. 132 - 142.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *História de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. 5. ed. São Paulo: Editora, Melhoramentos, 1963.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Ed. 28. São Paulo, 1988.

KILOMBA, Grada. "The Mask" In: *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010. Tradução de Jessica Oliveira de Jesus.

LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 48. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LOPES, Michelly Cristina Alves. MARTINELLI FILHO, Nelson. *A escre(vivencia) presente em Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo: Uma análise dos contos "A escrava" e "Maria"*. *REVELL* v.3, nº20, 2018. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/3164>>
Acesso em: 04 de jun. de 2019.

LUGONES, María. *Rumo a um feminismo descolonial*. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014

LUIZA LOBO, “A Pioneira Maranhense Maria Firmina dos Reis” in *Estudos Afro-Asiáticos*, RJ - nº 16 - 1989. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/download/6400/pdf_146> Acesso em: 04 de jun. de 2019.

NASCIMENTO, Jorge Luiz do. Violência policial, racismo e resistência: notas a partir da MPB. In: REVISTA CONTEXTO: Dossiê Literatura, Resistência e Utopia. n. 35 (2019). Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contexto/issue/view/952>> Acesso em: 15 de Mai 2020.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento Justificando, 2017.

VASCONCELOS, Vania Maria Ferreira. *No colo das Iabás: Raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília. 2014, 228p. . Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16641/1/2014_VaniaMariaFerreiraVasconcelos.pdf> Acesso em: 04 de jun. de 2019.

Recebido em 09/08/2023.

Aceito em 08/04/2024.